

EDUCAÇÃO AMBIENTAL CONSERVADORA: UMA VISÃO HEGEMÔNICA SOBRE A EDUCAÇÃO

Adolpho Pinheiro Maia¹; Martileide da Costa Henrique²; José Erlando Cardoso de Lima³;
Maria de Fátima do Nascimento Pereira⁴

- 1.Universidade Estadual da Paraíba, adolphomaia1987@gmail.com
- 2.Universidade Estadual da Paraíba, martyleide@gmail.com
- 3.Faculdade de Ciências Médicas da Paraíba, jerlando@gmail.com
- 4.Universidade Estadual Vale do Acaraú, mdfatimanascimento@gmail.com

Introdução

O presente trabalho discorrerá de forma sucinta os principais aspectos relacionados à educação ambiental. Baseado nesse pressuposto, o debate sobre educação ambiental vigorou pela primeira vez como tema em uma Conferência Mundial das Nações Unidas em Estocolmo 1972, sendo o ponto de partida para discutir as questões ambientais, porém essa primeira grande Conferência abordou de forma tímida o ambiente social; e temas como pobreza vigoraram em segundo plano. Para Ramos (1996), a interferência do homem no meio físico em especial aquelas que exaurem/pressionam a natureza, são condicionadas por aspectos políticos, econômicos e sociais-culturais, e se esses fatores não forem levados em consideração pela educação ambiental, os resultados provenientes desta equação serão ínfimos, frente aos objetivos que se almeja alcançar.

Assim sendo, a EA conservadora tende a limitar as possíveis variantes sociais que interferem no processo de degradação ambiental, partindo, desse pressuposto, esta perspectiva de ensino, tende a analisar de forma demasiado simplista, resumindo a crise ambiental a fatores de desequilíbrios dos sistemas naturais, o que por sua vez assemelha-se a correntes reducionistas que possui a pretensão de ecologizar a educação e as ciências sociais. Essa vertente de ensino oriunda das propostas debatidas em Estocolmo, tenta propor soluções ou técnicas com a finalidade de promover uma intervenção nos desequilíbrios decorridos da atividade humana, todavia, acaba a perpetuar uma confusão entre EA e consciência da destruição do meio físico (MAYA, 1992 *apud* RAMOS, 1996).

Este estudo surgiu da necessidade de compreensão acerca do tema aqui proposto, e mediante a discussão entre os autores pudemos formular nosso problema de pesquisa: quais as características epistemológicas da gênese da educação conservadora? Baseado neste pressuposto construímos nossa hipótese: a educação ambiental conservadora possui características hegemônicas que corroboram para a descontextualização das atividades propostas. Neste sentido, os objetivos desse trabalho consistem em caracterizar e descrever as principais características da educação ambiental conservadora.

Metodologia

Os procedimentos técnicos metodológicos utilizados para a construção deste trabalho são caracterizados por uma revisão de literatura do tipo narrativa. Para tal, foram reunidos como fonte de pesquisa livros e artigos a critério dos colaboradores deste estudo com o objetivo de embasá-lo. Os artigos analisados foram obtidos através de busca no site do scielo (Scientific Electronic Library Online) e google acadêmico, portanto, mediante uma prévia exploração de trinta artigos, optamos por usar os artigos mais citados nestes sites de busca. O único livro citado foi escolhido na base de dados dos próprios autores. Mancini e Sampaio (2006), relatam que trabalhos de revisão narrativa parte do resumo, análise e síntese das

principais informações disponibilizadas em literatura, sem seguir critérios ou metodologias pré-definidas para escolha das fontes utilizadas na construção e fundamentação teórica.

Resultados e discussão

Segundo essa linha de raciocínio, a EA Conservadora é oriunda da década de 70 e que por vezes reflete-se do ideário pedagógico brasileiro até os dias atuais. Em consonância com esta afirmação, o autor Santos (2015), em seu estudo exploratório, analisou a concepção de professores referente a educação ambiental, apontando algumas considerações a respeito da visão de tais docentes acerca do tema proposto. Para tanto, um dos pontos percebidos na pesquisa é que “quando consultados os temas estudados em sua formação, eles mencionaram com frequência: lixo, biodiversidade, mudanças climáticas e sustentabilidade – o que indica uma formação conservadora que dá ênfase na proteção dos recursos” [...] (SANTOS, 2015, p.39).

Segundo este mesmo autor citado anteriormente, poucos foram os professores que citaram questões mais abrangentes a respeito da temática ambiental. Outro ponto de relevância nesta pesquisa foi a metodologia utilizada pelos docentes entrevistados, tais procedimentos expressam o cunho pedagógico conservador/tradicional fortemente influenciadora da práxis docente (SANTOS, 2015). Os professores citaram “textos, aulas expositivas, conteúdos de livros didáticos, projetos, pesquisas” (SANTOS, 2015, p.35). Também, foi citado aulas de campo e filmes a respeito desta temática.

Contudo, os resultados obtidos neste trabalho aqui citado, são o início do debate no que diz a respeito a temática ambiental, portanto, um dos pontos mencionados por Santos (2015), é a importância de estudar novas formas de pensar a educação ambiental, que promova/fomente a transformação no contexto social, no qual, o aluno está inserido, desse modo, “devendo ser o próprio educador o redimensionador dos novos horizontes que propiciem a nova prática transformadora da libertação da educação oprimida, reacendendo a esperança de poder construir uma realidade diferente” (SANTOS, 2015, p.36).

Neste contexto, de transformação das realidades sociais vividas, a educação ambiental crítica, vislumbra as questões ecológicas associadas às questões sociais, permitindo uma leitura de homem e de mundo diferente, ao qual, inclui o homem como parte integrante da natureza. Freire (1996) nos diz que a educação só é válida quando consegue transpor o campo teórico, para que isso ocorra é necessário que a teoria faça sentido prático na vida dos alunos, contextualizando os saberes com a realidade local.

A EA crítica vem a questionar o modelo tradicional vigente de educação, que aborda os aspectos biológicos e ecológicos dissociados dos aspectos políticos e socioculturais sobre a crise ambiental. Esses pressupostos, é um dos temas centrais da perspectiva “da EA crítica que, partindo de outro diagnóstico, destacava o caráter estrutural e civilizatório da crise ambiental e a necessidade de respostas transformadoras tanto políticas quanto éticas da questão” (LIMA, 2009, p.153).

Lima (2009), afirma que um dos grandes equívocos da educação ambiental conservacionista é sua expressão individualista e comportamentalista, que pretende engajar os indivíduos âmbito individual, por acreditar que a origem dos problemas ambientais nasce na esfera particular e moral de cada cidadão. Esses aspectos constituem-se em um contrassenso a despeito da responsabilidade sobre a crise ambiental. Responsabilizar quem possui menor poder é eximir da responsabilidade a esfera política/pública, desse modo, “voluntária ou involuntariamente, se associa a uma interpretação liberal ou mesmo neoliberal da crise ambiental” (LIMA, 2009, p.155).

Em contrapartida, a EA crítica/emancipatória questiona as visões biologizantes, conservacionista, comportamentalistas e tecnicistas relacionadas à educação ambiental. Neste consenso, tenta transpassar essa desvinculação homem–natureza que a muito tempo vem corroborando para alienar e maquiagem os verdadeiros responsáveis pela crise ambiental do planeta, portanto, o ponto de partida desta perspectiva é [...]“o diálogo interno ao ambiente pedagógico como também sua relação com a vida comunitária, na qual a prática educativa ocorre, especialmente quando a dimensão ambiental — na verdade socioambiental — é o foco privilegiado.” (LIMA, 2009, p.156).

Conclusões

A ótica conservacionista é oriunda de uma educação pautada em uma visão hegemônica importada dos países do hemisfério norte, o que por sua vez não reflete as necessidades dos educandos brasileiros, todavia, mudanças de paradigma são lentas e propostas de alterações das bases curriculares e estruturação do sistema educacional não devem ser construídas rapidamente, neste consenso, vale ressaltar a importância da formação docente e a possível interferência nessa visão distorcida sobre educação ambiental, desse modo, a proposta deste trabalho é pensar a formação superior nos cursos de licenciatura e sua possível mudança, frente aos inúmeros trabalhos que ressaltam a ligação desta visão com a formação do professor, corroborando para esta afirmação os autores Sousa e Brandão (2016); Santos 2015 possibilita-nos compreender o cerne da visão conservadora referente a questão ambiental, em ambos os trabalhos, temas como conservação das espécies, destino do lixo e poluição foram elencados como temas relevantes para serem trabalhados, Tanto por alunos quanto professores, porém questões de cunho social figuraram em segundo plano, e a gênese deste problema possivelmente está relacionada com a visão hegemônica sobre educação ambiental arraigada nas universidades pelo Brasil.

Palavras-Chave: Educação; Conservacionismo; Crítica.

Referências

- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. p.165.
- LIMA, G. F. C. **Educação ambiental crítica:** do socioambientalismo às sociedades sustentáveis. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.35, n.1, p. 145-163, jan./abr. 2009.
- MANCINI M. C.; SAMPAIO, R. F. **Quando o Objeto de Estudo é a Literatura:** Estudos de Revisão. Rev. bras. fisioter. vol.10 no.4 São Carlos Oct./Dec. 2006.
- RAMOS, E. C. **Educação Ambiental:** Evolução Histórica, Implicações Teóricas e Sociais, Uma Avaliação Crítica. 1996. p.147.
- SANTOS, R. O. G. **Educação Ambiental:** A Concepção de Professores de Ciências do Ensino Fundamental de Araruna, 2015. p.40.
- SOUSA, A. M.; BRANDÃO, A. G. **A Imagem Conservadora Da Crise:** Uma Análise Da Percepção de Alunos Sobre Meio Ambiente. 2016.